

CULT  
DE CULTURA

**POP!**

COLÓQUIO  
NACIONAL EM  
ARTE SEQUENCIAL  
E CULTURA POP

8 A 10  
OUTUBRO  
2020

FACULDADES  
EST

**CADERNO DE RESUMOS**



## REGISTRO E MEMÓRIA DAS QUADRINISTAS BRASILEIRAS NA CONTEMPORANEIDADE

**Daniela dos Santos Domingues Marino<sup>75</sup>**

**Natania Aparecida da Silva Nogueira<sup>76</sup>**

Excluídas das premiações e muitas vezes ignoradas como autoras de suas próprias obras, o apagamento das mulheres ao longo de mais de um século de produção de quadrinhos no Ocidente mostra que a sociedade precisa reparar seus erros no que diz respeito à memória das mulheres. Recentemente, mulheres dedicadas à pesquisa no campo das Histórias em Quadrinhos, em particular, vêm se preocupando em construir uma memória das Mulheres na História das Histórias em Quadrinhos. Podemos citar o pioneirismo da quadrinista Trina Robbins que desde a década de 1980 vem se dedicando a trazer à luz a obra e a biografia de autoras estadunidenses que eram desconhecidas nas novas gerações. Estas mulheres se dedicam a esta tarefa provavelmente como a forma de buscar autoafirmação dentro deste campo profissional, mas acabam, por consequência, desempenhando um papel social muito importante: Elas tomam para si o “dever de memória”. O conceito do “dever de memória” ou “devoir de memoire” surgiu na França após a II Guerra Mundial e implica na responsabilidade da sociedade em reparar os erros do passado com atitudes no presente. No Brasil, o termo foi usado pela socióloga Luciana Quillet Heymann (2006), em um artigo publicado em 2006, no CPDOC. O “dever de memória” conduz a um processo de ressignificação memorial, à reconstrução da memória coletiva. Existe na atualidade uma necessidade de aplicar essa noção no que concerne à memória das mulheres no Ocidente, particularmente no que concerne à sua contribuição social e profissional. Os quadrinhos são lugares de memória que podem ser guardados e apropriados pelo leitor, intencionalmente ou não. Entendemos a memória “como propriedade de conservar certas informações” (LE GOFF, 1992, p. 423). Mulheres que produzem histórias em quadrinhos também produzem memória e história. Uma memória e uma história que precisa ser conhecida e reconhecida como forma de romper com o silêncio que foi imposto às mulheres ao longo dos séculos, por uma sociedade fortemente marcada pelo patriarcado. Michele Perrot (2005) denuncia esse silenciamento e, ao mesmo tempo, mostra que as mulheres encontram estratégias para deixarem registrada sua presença. Os quadrinhos feitos por mulheres são também lugares de fala, nos quais elas podem colocar suas angústias, seus desejos e serem ouvidas por outras mulheres e pelos homens, também. Segundo Paul Ricoeur (2007), memória e esquecimento caminham juntos uma vez que a memória é seletiva. Não é possível lembrar-se de tudo, por isso selecionamos aquilo que deve

<sup>75</sup> Mestra em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Professora de letras da UniSanta, dsdomingues@hotmail.com.

<sup>76</sup> Doutoranda e Mestra em História pela Universidade Salgado de Oliveira, Niterói (RJ), membro fundador da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS), membro da Academia Lavrense de Letras, Lavras (MG) e da Academia Leopoldinense de Letras e Artes (ALLA), Leopoldina (MG). Email: [nogueira.natania@gmail.com](mailto:nogueira.natania@gmail.com)



ser mantido, registrado pela história. Numa sociedade marcada pela hegemonia do patriarcado, a memória das mulheres ficou por muito tempo relegada ao esquecimento. A fim de reparar esta injustiça, nos colocamos no dever de fazer emergir essa memória, começando pela memória daquelas mulheres que produziram seus quadrinhos, não apenas pelo simples ato de lembrar, mas de tomar consciência de que essa produção agrega valor social e histórico. Para Samanta Coan (2019), uma das fundadoras do coletivo *Lady's Comics*, “havia poucos materiais de divulgação e registros de autoras em sites especializados, eventos, e livros sobre a história das HQs brasileiras e poucos quadrinhos lançados por editoras no Brasil” (COAN, 2019). Este reconhecimento da necessidade de trazer à luz esta memória, de um modo geral, estará presente em muitos trabalhos que foram desenvolvidos ao longo das primeiras duas décadas do século XXI, não apenas no Brasil, e que tomaram fôlego nos últimos anos. Nesse sentido, vale ressaltar algumas iniciativas, acadêmicas ou não, que têm possibilitado o registro das produções de autoria feminina nos quadrinhos, ainda que à época de seu surgimento não houvesse a consciência ou intenção explícita do exercício desse papel social por parte de suas autoras como responsáveis pela memória das mulheres na história das histórias em quadrinhos. Ao longo da última década, pesquisadoras como Natania Nogueira, Valéria Fernandes, Jéssica Daminelli, Gabriela Borges, Cíntia Lima Crescêncio, Sabrina Paixão, Valéria Aparecida Bari, Ediliane Boff, Daniela Marino, Luana Balieiro e coletivos como o *Lady's Comics*, têm se empenhado em resgatar e registrar a produção de mulheres quadrinistas do Brasil e de outros países por meio de um banco de dados que serviu de exemplo para que, posteriormente, jornalistas como a Roberta AR (Facadax.com) também criassem diversas listas de autoras nacionais. Observamos que as pesquisas têm propiciado o registro de produções e autores que não costumam alcançar divulgação e visibilidade nos meios de comunicação tradicionais, o que acarretava uma ausência de dados acerca de obras que hoje sabemos serem de extrema importância para a compreensão da formação do mercado consumidor de quadrinhos no Brasil. Entre as produções comumente apagadas ou esquecidas em antologias e revistas especializadas, estão as de integrantes de grupos considerados socialmente minorizados. Esses conceitos, provenientes dos estudos de gênero a partir de perspectivas de autoras como Simone de Beauvoir (1960), Judith Butler (2006; 2016), Linda Nochlin (2016), Spivak (2010), norteiam reflexões sobre as circunstâncias que seriam responsáveis pelo apagamento constante das autoras não só no meio dos quadrinhos, como em todas as áreas da produção humana e corroboram o discurso de Virginia Woolf (1985) sobre como a estrutura social afastaria as mulheres da produção intelectual por meio do reforço constante de valores que definiriam o seu papel de acordo com os padrões de gênero estabelecidos. A hipótese que norteia nossa escrita é que ao reunirmos algumas produções contemporâneas em um único espaço, a busca por determinados termos relacionados à produção feminina de quadrinhos seja facilitada, atendendo a pesquisadores e leitores que se interessem pelo tema e contribuindo para desmitificar ideias recorrentes e estereotipadas sobre essa produção. Esses estereótipos são nocivos não apenas para as quadrinistas, que acabam sendo resumidas a eles, mas para o mercado de quadrinhos também, pois impede que leitores e editores conheçam a diversidade de temas e traços que compõem a produção nacional. A



consolidação desses estereótipos contribui para a ausência das mulheres nas antologias e premiações, como apontado pela jornalista Roberta AR<sup>77</sup> ao analisar o número de mulheres contempladas em premiações como HQMIX ou participantes de antologias elogiadas como *O Fabuloso Quadrinho Brasileiro* (2015), que se apresenta como um “panorama do que há de melhor no quadrinho nacional”, mas que traz 41 quadrinistas entre os quais apenas 4 são mulheres. Esse mesmo “esquecimento” foi observado na maior exposição de quadrinhos realizada no Brasil<sup>78</sup>, em 2018, no Museu de imagem e do Som de São Paulo e que também se apresentava como um “panorama do que há de melhor nos quadrinhos do mundo”. Novamente, não só a maior parte das quadrinistas brasileiras não foi mencionada na exposição, como também grandes nomes internacionais ficaram limitados a alguns pequenos totens na entrada de salas inteiras dedicadas a algum artista do sexo masculino, como foi o caso da premiada cartunista iraniana Marjani Satrapi, escondida na saída do “banheiro erótico” dedicado aos artistas do gênero. Esses apagamentos deliberados têm gerado não só as pesquisas e registros mencionados anteriormente, como ações presenciais organizadas por quadrinistas, jornalistas e alguns coletivos como a intervenção ocorrida no MIS que questionava a ausência de mulheres e pessoas não-binárias entre as obras<sup>79</sup>: a ação previa a inserção de cartazes com os dizeres “onde estão as mulheres e pessoas não binárias no MIS?” em meio às instalações e a colocação de quadrinhos produzidos por mulheres entre os quadrinhos da exposição nos dias de entrada franca. Além dessas ações, lançamentos de antologias e editoras dedicadas exclusivamente a divulgar os trabalhos de mulheres que atuam com quadrinhos no Brasil têm favorecido maior visibilidade dessas artistas em âmbito nacional, como o que ocorre com o livro *Mulheres e Quadrinhos*, lançado em 2019 pela editora Skript e que reúne mais de 120 mulheres relacionadas a todos os aspectos da produção e pesquisa de quadrinhos no país, entre roteiristas, jornalistas, desenhistas, editoras, letristas, etc, a publicação apresenta mulheres de todas as etnias, cores, orientação sexual e de gênero, de todas as regiões do país, o que possibilitou que nomes que raramente circulavam em eixos de maior circulação e produção como a região sudeste, pudessem ser conhecidos por leitores de diversas partes do país e até mesmo de fora dele. Assim, buscaremos apontar algumas dessas iniciativas de maneira que os dados possam ser acessados posteriormente por todos aqueles que buscam viabilizar que o meio dos quadrinhos seja mais igualitário e favoreça da mesma forma pessoas de diferentes expressões ou identidades de gênero, cor ou etnia. Para isso, por meio da revisão bibliográfica, recorreremos aos conceitos relacionados à memória e questões de gênero a partir dos autores elencados anteriormente, além de publicações relacionadas ao campo das histórias em quadrinhos que promovam intersecções entre esses conceitos para que possamos refletir sobre meios de superarmos o apagamento sistêmico das mulheres nas histórias em quadrinhos. Acima de tudo, esse registro se soma a

<sup>77</sup> <https://minasnerds.com.br/2015/11/17/por-que-tao-poucas-mulheres-nas-antologias-de-quadrinhos-brasileiros/>

<sup>78</sup> <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/12/megaexposicao-quadrinhos-no-mis-exclui-mulheres-importantes-da-historia-das-hqs/>

<sup>79</sup> <https://minasnerds.com.br/2019/02/23/cade-as-minas-na-exposicao-de-quadrinhos-do-mis/>



um corpus acadêmico que tem se consolidado e propiciado a formação de um campo de estudos legítimo, ainda que sua formação se dê a partir de conceitos interdisciplinares, afinal, ao menos no que diz respeito à memória e questões de gênero, são problematizações que permeiam diversos âmbitos da produção humana, incluindo os quadrinhos.

**Palavras-chave:** História das Mulheres; histórias em quadrinhos; memória.

#### **Referências:**

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1960.

BUTLER, Judith. Gender Trouble: Feminism and Subversion of Identity. Routledge, New York, 2006.

COAN, Samanta. Lady's Comics: Movimento de autoras e os discursos na cena dos quadrinhos brasileiros. In: MACHADO, Lulu; MARINO, Daniela (orgs): Mulheres e Quadrinhos. Ed. Skript, Florianópolis, 2019.

HEYMANN, Luciana Quillet. O "devoir de mémoire" na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6732>>. Acesso em: 20 out. 2018.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

NOCHLIN, Linda. Por que não houve grandes mulheres artistas?. Ed. Aurora, São Paulo, 2016.

PERROT, Michele. As mulheres ou os silêncios da História. Bauru: EDUSC, 2005.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar?. Ed. UFMG, Belo Horizonte, 2010.

WOOLF, Virginia. Um teto todo seu. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985.